

## **Africanismo e democracia racial: a correspondência entre Herskovits e Arthur Ramos (1935 -1949)<sup>1</sup>**

Antonio Sérgio Alfredo Guimarães  
Departamento de Sociologia da USP

Melville Herskovits e Arthur Ramos mantiveram durante quatorze anos uma estreita correspondência, através da qual podemos observar de modo privilegiado as transformações dos ideais profissionais e intelectuais de ambos, assim como a formação dos campos disciplinares, na Antropologia e na Sociologia, dos estudos culturalistas do negro nas Américas, o africanismo, e os estudos de relações raciais, respectivamente. Atraídos pelo mesmo ideal culturalista, nos anos 1935, os dois homens nutrirão uma grande amizade para, paulatinamente, afastarem-se em termos de escolhas ideológicas e políticas. Herskovits, em Evanston, procurando defender a sua ciência do que considerava o excessivo engajamento político e emocional dos estudos conduzidos por DuBois e dos teóricos do New Negro - Frazier, Locke e outros, apostará cada vez mais profundamente na institucionalização dos Estudos Africanos (African Studies). Ramos, buscando firmar-se como uma liderança internacional latino-americana, do mundo pós-guerra, fará da democracia racial brasileira uma arma de “antropologia aplicada” e mote de um amplo projeto de pesquisa, justamente na direção contrária ao seu mestre e amigo.

No entanto, a amizade entre ambos não parece ter se deteriorado, como pretendo demonstrar nesse texto. Vamos, brevemente, à história dessa relação.

A correspondência entre Melville Herskovits e Arthur Ramos pode ser dividida em três fases: uma primeira troca de cartas entre 1935 e 1941, a que se segue uma convivência de dois meses em 1941, na Northwestern University, onde Ramos acompanha o seminário de aculturação de Herskovits; uma segunda correspondência, durante trabalho de campo de Herskovits no Brasil, entre setembro de 1941 e agosto de 1942; e finalmente, o período que vai do retorno de Herskovits aos Estados Unidos até a morte de Ramos, em 1949.

A correspondência entre ambos é iniciada por Ramos, que envia a Herskovits, por

---

<sup>1</sup> Versão preliminar, texto ainda em redação. Essa versão amplia e corrige o texto “Comentários à correspondência entre Melville Herskovits e Arthur Ramos (1935 -1941) In: Antropologia, história, experiências ed. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2004, p. 169-198.

recomendação, ao que tudo indica, de Gilberto Freyre<sup>2</sup>, três volumes da Coleção de Divulgação Brasileira, que dirige, entre eles *O Negro Brasileiro*. Em 31 de dezembro de 1935, no dia seguinte em que os volumes lhe chegam às mãos, Herskovits responde. A rapidez da resposta é o melhor índice de seu entusiasmo. Além da carta, Herskovits envia para Ramos algumas separatas de artigos e pede a seu editor que envie também alguns livros seus. Fica estabelecida assim uma estreita cooperação epistolar entre os dois, que durará até a morte de Ramos.

Já a estadia americana de Ramos pode ser resumida como segue. Em 27 de agosto de 1940, Arthur Ramos viaja com sua esposa aos Estados Unidos, para dar um curso de três meses (entre setembro de 1940 e janeiro de 1941) na University of Louisiana, no sul, a convite de Lynn Smith, que chefiava então o Departamento de Sociologia daquela universidade<sup>3</sup>. Findo o seu período em New Orleans, Ramos rumo para a costa oeste, para uma série de quatro conferências, três em Berkeley e uma em Utah, e daí para Evanston, no meio-oeste, onde prava durante dois meses da companhia de Frances e Melville Herskovits (Ramos 1945). A última parte da estadia norte-americana de Ramos é gasta numa série de visitas e três conferências em universidades da costa leste<sup>4</sup>.

A relação entre Herskovits e Ramos continua durante o trabalho de campo do primeiro no Brasil<sup>5</sup>. Melville e Frances Herskovits chegam a 10 de setembro de 1941, no Rio,

---

<sup>2</sup> “Escrevi a meus editores em São Paulo para que lhes mandem os livros. Eles publicaram sobre a antropologia e sociologia do negro e do Brasil em geral várias livros, incluindo Nina Rodrigues “Os africanos no Brasil”, Evaristo de Moraes “A Escravidão no Brasil”, Arthur Ramos “O Negro Brasileiro.” (carta de Freyre a Herskovits, Rio, July 18, 1935, tradução minha).

<sup>3</sup> O convite a Arthur Ramos é feito em carta datada de 13 de outubro de 1939. Ver Arquivo Arthur Ramos da Biblioteca Nacional, I-36,4,2,.445.

<sup>4</sup> Conferências e mesas redondas na costa Oeste: 2/2/1941 – Berkeley – “The general characteristics of Brazilian Civilization”; 3/2/1941 – Berkeley – “Problems of acculturation in Brazil”; 4/2/1941 – Berkeley – “Negro cultures of Brazil”; 12/2/1941 – Utah – Brigham Young University – “Races and Cultures of Brazil”. Conferências na costa Leste: 18/4/1941 – Columbia – “Acculturation among Negroes”; 19/4/1941 – Yale – “Cultural syncretism in Brazil”; 22 e 23/4/1941 – Howard – “The Negro in Brazil”. Fonte: Ramos (1945).

<sup>5</sup> Sobre essa viagem a campo, diz-nos Gershenhorn (2004: 86): “The Herskovitses' last major ethnographic field trip was their Brazil trip. Funded by a \$10,000 grant from the Rockefeller Foundation, the Herskovitses spent one year in Brazil from September 1941 to August 1942. They undertook fieldwork for six months in Bahia in northern Brazil and one month in Porto Alegre in southern Brazil. Besides fieldwork, Herskovits also visited several educational institutions and government officials for the purpose of assessing the state of the social sciences in Brazil as part of a program of improving American- Brazilian cooperation in social science research. This was part of a larger Rockefeller Foundation program designed to improve American-Latin American relations. Despite suffering a heart attack on this trip, Herskovits completed his work and published a number of articles, although no book, detailing the important African cultural influence in Bahia and other regions of Brazil.”

dois meses depois de Ramos ter deixado Evanston. Herskovits vem com financiamento da Rockefeller Foundation para estudos intensivos sobre o negro brasileiro, que incluiu, inclusive, o registro em fita magnética, pela primeira vez, de músicas sacras do candomblé baiano<sup>6</sup>.

No Rio, ficam um pouco mais de dois meses, privando da companhia de Arthur e Luisa Ramos, se inteirando do meio universitário e intelectual brasileiro, e ultimando os preparativos para o trabalho de campo na Bahia. Seguem em novembro de 1941 para Salvador, onde permanecem até maio de 1942<sup>7</sup>, levando cartas de apresentação escritas por Ramos. Dessas cartas, constam no Arquivo Arthur Ramos, da Biblioteca Nacional, aquelas endereçadas a Estácio de Lima (21/11/1941) e Aristides Novis (24/11/1941), ambos ex-colegas da Faculdade de Medicina da Bahia, mas é claro que outros médicos, como Hossanah Oliveira e Thales de Azevedo com quem os Herskovits privaram na Bahia podem também ter sido apresentados por cartas, posto que todos faziam parte de um círculo muito próximo a Ramos. Mais tarde, em meados de maio de 1942, os Herskovits seguem para Recife, para uma permanência de um mês, também munidos de pelos menos três cartas de apresentação de Ramos: para Pedro Cavalcanti<sup>8</sup>; para Gonçalves Fernandes (de quem Ramos negocia a edição de *Investigações sobre os cultos negro-feitichistas do Recife* pela editora Civilização Brasileira) e para o próprio Ulisses Pernambucano. Em junho, os Herskovits retornam ao Rio, para depois seguirem para Porto Alegre, em julho, retornando aos Estados Unidos em agosto de 1942.

Durante sua estadia em Salvador, Herskovits endereça pelo menos quatro cartas a Ramos e recebe deste, no Rio de Janeiro, três. Depois de seu retorno a Evanston, entre 1943 e 1949, a correspondência entre ambos diminui de intensidade, os intervalos entre uma carta e outra aumentam, chegando a atingir o intervalo de dois anos e quatro meses, entre agosto de 1945 e dezembro de 1947. Herskovits recebeu pelo menos cinco cartas de Ramos e escreveu doze. Mas os assuntos tratados se restringem. Entre 1943 e 1944 há ainda uma troca viva de

---

<sup>6</sup> Disponíveis na Biblioteca do Congresso, em Washington: “**AFS 6777-6892**: One hundred sixteen 12-in discs of Afro-Bahian songs recorded by Melville and Frances Herskovits in Bahia, 1941-42, for the Library of Congress. (Tape copy on LWO 4872 reels 427B-436B) Selections from this collection have been published by the Library of Congress on cassette number AFS L13, *Afro-Bahian Religious Songs from Brazil*.”

<sup>7</sup> Esta datação é feita seguindo as datas das cartas de apresentação e referências feitas em outras cartas e artigos publicados por Herskovits.

<sup>8</sup> “Peço-lhe que o apresente aos outros elementos do grupo do Prof. Ulisses Pernambucano, orientando-o nas que aí empreende”. Carta a Pedro Cavalcanti, de 15/5/1942. AAR, I-35,14,90

idéias sobre o projeto de cooperação internacional em que ambos participam, junto com Fernando Ortiz, Richard Pattee, Price-Mars e outros, de criação da Sociedade Interamericana de Estudos do Negro, que acaba por se instalar no México em 1944. A partir de 1945, as cartas passam a tratar de assuntos ligados a troca de livros, à publicação da tradução do livro de Herskovits, *Acculturation*, e a convite para reuniões internacionais, as quais Ramos acaba por não participar.

De fato, uma olhada sobre a quantidade de cartas trocadas anualmente pelos dois sugere um certo esfriamento da relação:



A que atribuir esse esfriamento? À divergência de postura política entre ambos, que se delineia depois do retorno de Ramos ao Brasil, como sugeri na abertura desse artigo? Ou se deve a uma mudança de foco de Herskovits, passando a concentrar-se mais nas culturas da África que nas culturas africanas nas Américas? Ou se deve a algum desinteresse em prosseguir seus estudos sobre a cultura negra da Bahia, provocada por qualquer idiosincrasia inexplicável como sugere Gershenhorn (2004: 259-260) a partir de informações prestadas pela filha de Herskovits, Jean?<sup>9</sup> Para responder a essas perguntas, tenho que me indagar,

<sup>9</sup> “Herskovits's daughter, Jean, believes that her father wrote less about Brazil than his other fieldtrips due to the scary association of Brazil with his heart attack. Due to Herskovits's work for the Bureau of Economic Warfare during World War 11, his all-consuming focus on the Program of African Studies after the war, and his interest in not interrupting his daughter's schooling, he never undertook another ethnographic fieldtrip after Brazil”.

primeiro, sobre as circunstâncias vivenciadas por ambos e os interesses que motivaram e entretiveram a correspondência entre eles ao longo dos anos. É o que faço a seguir, depois de expor brevemente as minhas fontes.

### **O acervo**

Nos arquivos da biblioteca da Northwestern University, em Evanston, Illinois, estão os papéis de Melville Herskovits; entre eles, a correspondência trocada entre este e Arthur Ramos, no período que vai de 31 de dezembro de 1935 a 24 de julho de 1941<sup>10</sup>. São 22 cartas escritas por Ramos, em português, conservadas no papel de carta original e 25 escritas por Herskovits, em inglês, conservadas em cópia de carbono. Todas as cartas, com exceção de três de Arthur Ramos, estão datilografadas (ver Tabela 1).

Além dessas, encontram-se, na mesma coleção, outras 31 cartas escritas por Herskovits para diferentes pessoas e instituições, apresentando, recomendando ou representando os interesses profissionais de Arthur Ramos, relacionados a sua estadia norte-americana, entre setembro de 1940 e março de 1941, e, em particular, a sua visita profissional à Northwestern University, à convite de Herskovits, entre fevereiro e março de 1941; constam também do acervo 23 cartas recebidas ou escritas em resposta às 31 já citadas (ver Tabela 2). Finalmente, acham-se ainda na mesma coleção cópias em carbono de 2 cartas de Arthur Ramos a destinatários americanos, um editor e um superintendente escolar que o convidara para uma palestra, além da cópia de memorando dirigido a Ramos, relacionando os contatos profissionais que este deveria fazer em sua viagem para a costa leste norte-americana (ver Quadro 1).

Na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, Arquivo Arthur Ramos, encontram-se as 12 cartas restantes que foram utilizadas por mim. O Quadro 2 lista essas cartas. As cartas escritas por Herskovits e enviadas de Evanston estão em inglês, datilografadas em papel timbrado do Departamento de Antropologia da Northwestern, as enviadas de Salvador ou do Rio estão manuscritas; as cartas de Ramos estão em rascunhos manuscritos, em papel de bloco, alguns timbrados outros não.

---

<sup>10</sup> Melville J. Herskovits (1895-1963) Papers, 1906-1963; Africana Manuscripts 6, Series 35/6, Box 19, Folder 14.

### A situação de encontro

Ao escrever para Ramos, em 1935, Herskovits, um dos mais importantes discípulos de Boas, já era internacionalmente conhecido por sua pesquisa sobre os africanismos no Novo Mundo. Tinha então 45 anos e acabara de retornar de seu trabalho de campo no Haiti (1934), estando solidamente estabelecido na Northwestern University, onde tornara-se *full professor* em 1935, depois de breves passagens pela Columbia University (1924-1927) e pela Howard University (1925).

Ao iniciar essa correspondência, Arthur Ramos, 32 anos, era um médico, cujos conhecimentos profissionais, além da sua formação em medicina legal, não ultrapassavam o auto-didatismo em psicologia social e em psicanálise, como bem observara Gilberto Freyre<sup>11</sup>. No entanto, Ramos já se firmava nacionalmente como discípulo de Afrânio Peixoto (Corrêa 1998) e herdeiro intelectual de Nina Rodrigues, tendo deixado Salvador em 1934, onde trabalhara em Medicina Legal, e se estabelecido no Rio de Janeiro, onde publicara *O Negro Brasileiro* (1934) e, no ano seguinte, passara a lecionar Psicologia Social na Universidade do Distrito Federal.

Médico, Ramos passará a ser referido durante a sua estadia nos Estados Unidos, em 1941, como “the only full-time Professor of Anthropology in Brazil” (“o único professor de Antropologia em tempo integral no Brasil”), como se pode ler nas cartas de apresentação escritas por Herskovits para seus pares (ver, por exemplo, a carta de Herskovits a Linton, 18/2/41). Mas, tal transformação começara antes, ainda no Brasil, e pode ser acompanhada, em grande parte, pela troca epistolar que Ramos manteve por cinco anos com Herskovits, antes de conhecê-lo pessoalmente e frequentar o seu seminário sobre aculturação, na Northwestern.

Se Ramos já era conhecido e respeitado internacionalmente pelo seu conhecimento da cultura negra da Bahia, a ponto de, desde 1939, receber de Lynn Smith convite para ensinar em Louisiana, apenas após a sua passagem pelo seminário de Herskovits e de sua introdução ao mundo da antropologia norte-americana, se sentirá plenamente um antropólogo. Sua nomeada internacional, na segunda metade dos anos 1930, pode ser medida pelo fato de manter correspondência regular com outros intelectuais centrais à emergente antropologia

---

<sup>11</sup> “Pedi ao Sr. Mário de Andrade para lhe mandar seus ensaios sobre a arte do negro brasileiro. Também ao professor Arthur Ramos, talvez um superentusiasta da psicanálise, mas que escreveu algumas boas páginas sobre o negro brasileiro.” (Carta de Freyre para Herskovits, Rio, 1 de novembro de 1935, tradução minha)

cultural do negro, como Fernando Ortiz, de Cuba, que ainda em 1934 o procura, interessado em conhecer o seu *O Negro Brasileiro*; Richard Pattee, do Haiti, que também lhe pede um exemplar do *Negro Brasileiro*, Rüdiger Bilden, que lhe fora apresentado por Gilberto Freyre; Jean Price-Mars, do Haiti, cujo *Ainsi Parlais l'Oncle* lhe fora indicado por Herskovits; assim como pelo contato regular que passaria a manter com jovens pesquisadores franceses, radicados ou de passagem pelo Brasil, como Roger Bastide, em 1938, e na década seguinte, Alfred Métraux e Pierre Verger.

Para Herskovits, o encontro com Ramos abria-lhe as portas do mundo intelectual brasileiro e do mundo “africano” da Bahia, um dos mais bem “conservados” das Américas. De fato, Ramos representou certamente um enorme avanço no seu projeto de pesquisa intercontinental sobre a cultura dos povos africanos trazidos para as Américas. Se, em 1930, ao publicar no *American Anthropologist* a sua declaração sobre o “negro no novo mundo”, Herskovits (1930: 149) via-se forçado a retirar os negros do Brasil de sua escala de “africanismos no comportamento cultural” “porque [tinha] poucos dados sobre os quais se basear”, em 1955, em sua *Cultural Anthropology*, já podia colocar o Brasil na terceira posição de sua escala, logo abaixo do Suriname e do Haiti (Simpson 1973: 27). O conhecimento de Herskovits sobre o Brasil, anterior a correspondência com Ramos, é descrito por Kevin Yelvington (2004: ) do seguinte modo, que vale transcrever:

“In many ways, Herskovits’s introduction to the anthropology of Brazil came via his friend Rüdiger Bilden, the student of Boas and the associate of Gilberto Freyre (1900-1987). Bilden had written about Brazil being a “laboratory of civilization” and had endorsed the nationalist ideology of *democracia racial*. And when Donald Pierson (1900-1995) was a graduate student at the University of Chicago, he was the president of the sociology club and in 1933 he asked Herskovits to give a talk at the university. Pierson then called on Herskovits for advice on studying the Negro in Brazil, saying he had become “interested in the apparent absence of prejudice in Portuguese-Negro relations in Brazil” and later Pierson provided Herskovits with translations of the chapter summaries of Raymundo Nina Rodrigues’s (1862-1906) *Os africanos no Brasil* (1932). Freyre invited Herskovits to contribute to the first Afro-Brazilian congress in 1934, and he sent two contributions of already-published material but did not attend.”

## **A descoberta**

O entusiasmo de Herskovits pelo autor de *O Negro Brasileiro* ficou registrado na sua primeira carta:

“Tendo-me chegado os livros apenas ontem, obviamente não me foi possível mais que

folheá-los, mas, mesmo assim, tenho um número de questões que gostaria de fazer-lhe. A primeira dessas concerne as peças mostradas nas Figuras 4,5,34 e 35. Elas se parecem tanto com as peças que eu mesmo coletei no Daomé e na Nigéria que gostaria de ter certeza de que é correta a minha impressão sobre sua proveniência brasileira. Se este for o caso, então seus negros brasileiros retiveram não apenas a técnica de escultura em madeira, mas os detalhes mesmos do estilo da África Ocidental em um grau não encontrável em nenhum outro lugar.” (31/12/1936)

Herskovits pede também a Ramos uma referência bibliográfica sobre o Haiti, feita por este sem citar a fonte: “quero lhe pedir a referência da publicação do Dr. Lherisson sobre a possessão”<sup>12</sup>.

Todavia, o interesse de Herskovits não pode nos impedir de ver o fato de que era grande a dessimetria de posições institucionais entre eles, no mundo científico. Como nos ensina Stocking (2002), a antropologia já se encontra bem estabelecida nos Estados Unidos em 1935 (ainda que a disputa entre a etnologia e a antropologia social não estivesse ainda suplantada), enquanto, no Brasil, ainda não havia um único Departamento de Antropologia nas recém criadas universidades.

Na correspondência entre Herskovits e Ramos, a desigualdade institucional fica evidente de um modo bastante prosaico: as 12 primeiras cartas de Ramos eram escritas em papel timbrado, no qual se lia “Dr. Arthur Ramos, Médico”, ocupando duas linhas do canto superior esquerdo da folha, enquanto no canto do lado oposto, também em duas linhas, estava o endereço: “Praia do Russel 164/6 – ap. 16, Rio de Janeiro”. Já o destinatário é referido como “Prof. Melville J. Herskovits, Professor of Anthropology, Northwestern University, Evanston, Illinois, U.S.A.”.

Ou seja, apesar da igualdade estabelecida pela expertise de ambos, trata-se da correspondência de um médico, que escreve de seu endereço pessoal, ainda que em máquina datilográfica, para o professor, que responde de seu escritório universitário, também à máquina, guardando a cópia em carbono nos seus arquivos. Embora troquem livros e informações profissionais, em sua primeira carta, Dr. Ramos, além de pedir indicações bibliográficas sobre Psicologia Social, cadeira que leciona na Universidade do Brasil, não deixa de perguntar também ao novo amigo onde pode “adquirir a anthologia ‘Negro’, editada

---

<sup>12</sup> Diz Ramos (1934: 173): “No Haiti, as cerimônias do culto Vodú veem chamando, desde muito tempo, a atenção dos estudiosos. Ha já algumas decadas, o Dr. E. Lherisson observou os estranhos phenomenos de pessessão que ocorrem por ocasião das dansas do Vodú”.



por Nancy Cunard”.

A dessimetria não fica apenas nas aparências, o professor aos poucos assume, no curso da correspondência, o seu papel de ensinar, recomendar, sugerir e, principalmente, viabilizar o treinamento profissional do colega doutor. O antropólogo está ansioso por descobertas científicas, procurando estabelecer a continuidade entre traços culturais ou os fenômenos de aculturação, formando discípulos e colaboradores; já o médico quase sempre se apresenta como aquele que registra descobertas e divulga, para o grande público e para os “especialistas” brasileiros, os resultados de pesquisas realizadas por autores estrangeiros, ademais de escrever obras didáticas (*Introdução à Psicologia Social*) e dirigir a famosa Coleção de Divulgação Científica, da editora Civilização Brasileira.

Vista sob a ótica das trocas, a correspondência entre os dois cientistas revela um Herskovits interessado em obter dados, informações e conhecimentos sobre os negros do Brasil, através principalmente dos livros que Ramos lhe envia, enquanto este, se no início da correspondência era movido pelo mesmo interesse com respeito aos negros americanos, vai rapidamente nutrindo o desejo de se aprofundar no estudo da antropologia cultural por meio de um estágio com Herskovits, na Northwestern.

Herskovits deixa claro, ainda nos anos 1936, sua intenção de influenciar o desenvolvimento da antropologia no Brasil quando escreve:

“Estou ansioso para receber trabalhos sobre os mais variados aspectos da cultura do negro brasileiro que estão sendo publicados na coleção que você dirige. Como lhe disse na última carta, é praticamente impossível para nós, estudiosos do negro do Novo Mundo, obter informações sobre os aspectos não-religiosos da vida negra e, portanto, material nesse campo tem um valor adicional”. (8 de junho de 1936)

Por outro lado, sintomático da importância de Ramos para Herskovits é a carta em que ele pede permissão para reproduzir, na edição francesa de seu livro *The Negro in the New World*, as famosas fotos publicadas em *O Negro Brasileiro*:

“Acho que já lhe falei que estou preparando um livro para um editor francês sobre o negro no Novo Mundo, que incluirá um capítulo sobre o trabalho que você e seus colegas estão fazendo no Brasil. O editor tem sido bastante liberal com ilustrações e, se fosse possível ter algumas fotografias que pudessem acompanhar o material, isso seria altamente desejável. Se você me der permissão para republicar algumas fotos de seu O Negro Brasileiro, seria excelente. Refiro-me particularmente à Figura 4 (para mostrar a perfeição da tradição da arte africana no Brasil); Figura 14 (para mostrar os tipos de tambor); Figura 19 (para mostrar o sincretismo religioso) e Figuras 26,27,31 e 32 (para mostrar as formas de possessão).” (10/4/1937)

Mas não apenas. Ramos não se apresenta apenas como mero divulgador<sup>13</sup>. A modéstia do médico era calculada, pois ainda em 1936 envia à Herskovits “As Religiões Negras” de Edison Carneiro, apresentando este como “um discípulo meu ... que faz algumas pesquisas complementares às que eu mesmo realizei na Bahia” (carta de 1/12/1936). Quanto à desigualdade da situação institucional e a conseqüente desigualdade de conhecimentos científicos entre os dois amigos, esta se evidencia cedo também, em 1937. Herskovits está, então, preparando um estudante seu para mandar para trabalho de campo entre os Yoruba da Nigéria, e se lembra de oferecer ajuda a Ramos:

“Tendo em vista o fato de que muito da cultura do negro brasileiro mostra sobrevivências dos costumes iorubas, gostaria de saber se há pontos levantados por você em sua pesquisa que possam ser esclarecidos por ele em sua investigação de campo na própria África.”

Seja para preservar a sua autoridade, seja para assegurar Ramos de que ele se responsabilizaria pela coleta e repasse das informações, Herskovits acrescenta:

“Se você quiser me mandar uma lista de pontos sobre informação da África seria de especial valor para você e para outros estudantes dos costumes negros brasileiros, eu ficaria feliz de colocá-la em mãos do meu estudante, Sr. William Bascom.”

Esta carta de 8 de maio é respondida por Arthur Ramos apenas em 17 de agosto, em documento que demonstra seja a insipiência dos conhecimentos do médico sobre os iorubas, seja apenas o medo de compartilhar as suas pistas de pesquisa. Depois de expressar como fora difícil para ele selecionar pontos, posto “que todas as formas culturais yorubas” o interessam, Ramos lista dez deles:

- “1) Qual a percentagem dos povos da Nigéria, que falam o yoruba?
- 2) Tem-se o yoruba conservado puro, ou tem sofrido deformações por contactos culturais (com outras linguas vizinhas)?
- 3) Qual a extensão da literatura escripta (em Lagos p. ex.) – a existência de livros de leitura em lingua nagô?
- 4) Até que ponto as culturas religiosas se conservaram puras até hoje?
- 5) Os mythos yorubas conservaram-se na tradição oral, até os nossos dias?
- 6) Será possível avaliar se houve contaminação secundaria, na religião e folk-lore, com os reflexos commerciaes?
- 7) Os contos populares do cyclo da tartaruga (awon) teem origem totemica?

<sup>13</sup> Exemplo desta modéstia é o modo como Arthur apresenta seu *The Negro in Brazil* ao colega americano: “Trata-se de um rápido *resumé* sobre a história do Negro no Brasil ... Não tem interesse antropológico, sendo apenas um modesto *aperçu* para o conhecimento do leitor médio americano...” (carta de 20/6/1939)

- 8) Conservam os negros da Nigéria a memória do tráfico de escravos, para o Brasil?  
 9) Na hypothese affirmativa, houve alguma sobrevivencia deste facto na tradição oral?  
 10) Desejaria ter informação da collectanea de contos, provérbio e advinhas, existentes actualmente entre os negros da Nigéria.”(17/8/1937)

A resposta de Herskovits revela como o Antropologia norte-americana já tinha consolidado, àquela altura, um conhecimento profissional sobre o campo, ao contrário da brasileira:

“Posso lhe responder muitas de suas questões a partir de minha experiência de campo na Nigéria. O ioruba (nagô) é falado pelo grande número de povos que habita a porção sudoeste da atual colônia britânica da Nigéria. Qual é o número exato dos falantes de ioruba, eu não sei, mas não seria difícil obtê-lo nos relatórios censitários. Naturalmente, todas as línguas e todos os povos estão em contato com seus vizinhos, duvido, portanto, que o ioruba possa ser mais ou menos “puro” que qualquer outra língua. Certamente, ela não foi afetada pelo contato com os europeus de um modo perceptível. O que está escrito em ioruba o foi sob influência européia, e por iorubanos “educados”. A religião continua praticamente isenta de influência européia, ainda que, é claro, vários indivíduos nativos tenham sido convertidos ao cristianismo. A mitologia ioruba está tão viva como sempre esteve; você pode encontrar numerosos contos na coleção Frobenius no volume X (penso) da sua obra completa. A referência exata pode ser encontrada na bibliografia do nosso “Folclore do Suriname”. Duvido que o contato com o Brasil tenha afetado a cultura iorubana, mas os iorubas certamente conhecem o tráfico de escravos feito pelos portugueses, no entanto não sei o quanto eles conhecem do Brasil. Se os contos da tartaruga são ou não, originariamente, totêmicos, também não posso lhe dizer, mas acho que problemas desse tipo são praticamente impossíveis de serem solucionados. (14/11/1937)

Na mesma carta, depois de responder às indagações do seu correspondente, Herskovits retorna ao tom habitual, igualitário, incentivando-o a participar do Congresso de Antropologia a ser realizado em Copenhague, em agosto de 1938. Dr. Ramos podia conhecer muito pouco da cultura ioruba, mas continuava sendo a maior autoridade mundial sobre as sobrevivências iorubas no Brasil.

Não se pode saber ao certo o efeito que tal episódio teve sobre Arthur Ramos, mas talvez não tenha sido apenas coincidência o fato de que, depois dele, o médico alagoano passe a sentir “a necessidade inadiável de me por em contato direto com universitários americanos, e especialmente com a Universidade de Northwestern e a de Chicago, no sentido de unificar os esforços metodológicos para os estudos de raça e de cultura no Novo Mundo.” (carta de 30/5/38 de Ramos a Herskovits). O grande empecilho para isso, reconhece Dr. Ramos, é que “as nossas instituições culturais não têm fundos para financiar longas viagens”, o que parece

sobrar às instituições americanas, mais especialmente à Fundação Guggenheim.

Quanto ao conhecimento da África pelos antropólogos brasileiros, este ainda deveria esperar algum tempo para se concretizar. Apesar do alento trazido pela residência de Pierre Verger na Bahia, nos anos 1950, apenas na década de 1960 seguirão para a África os primeiros antropólogos, historiadores e lingüistas brasileiros<sup>14</sup>.

### **A preparação da viagem aos Estados Unidos**

O desejo demonstrado por Ramos de estagiar na Northwestern será plenamente satisfeito. Herskovits envidará nos meses seguintes todos os esforços possíveis para conseguir a ida do africanista brasileiro para junto de si, em Evanston, usando inclusive de sua influência para que as bolsas da Guggenheim sejam estendidas a *scholars* latino-americanos, além de procurar outras possíveis fontes de financiamento, como a Fundação Rockefeller.

Durante o resto do ano de 1938, e até 1940, Ramos e Herskovits encontrarão sempre um espaço em suas missivas para atualizar o premente assunto: uma bolsa para Ramos. Em 1939, finalmente a Guggenheim abre seu programa de bolsas aos brasileiros, e o Dr. Ramos pode se candidatar. Mas já não estará tão necessitado - já tinha recebido uma oferta verdadeiramente profissional e irrecusável, de alguém menor que Herskovits, mas tão interessado quanto este em estreitar os laços com o Brasil – Dr. Lynn Smith, chefe do Departamento de Sociologia da Universidade de Louisiana. O convite era para lecionar, entre fevereiro e março de 1940, em New Orleans, e Arthur Ramos procurará otimizar os convites e as amizades, estendendo, ao máximo, a sua estadia nos Estados Unidos.

Nesse ponto, preciso abrir um parêntese importantíssimo. Embora o leitor possa ter tido a impressão de que Herskovits representava para Ramos a única porta de acesso para o mundo americano, isso não é verdade: Ramos já se correspondia, na mesma época, com igual intensidade com dois outros pesquisadores que foram decisivos para sua aceitação na academia norte-americana - Lynn Smith e Richard Pattee - como pode ser comprovado no Arquivo Arthur Ramos, na Biblioteca Nacional (Faillace 2004).

Coincidência ou não, data de 1940 uma mudança que poderia passar desapercibida

---

<sup>14</sup> São eles: Vivaldo da Costa Lima (antropologia, Nigéria, 1960); Pedro Moacir Maia (literatura, Senegal, Dakar, 1961); Yeda Pessoa Castro (lingüística, Nigéria, 1962), Guilherme Castro (literatura, Nigéria, 1962) e Waldir Oliveira (história, Senegal, 1962).

na correspondência entre os dois. O titular da Faculdade Nacional de Filosofia altera, a partir de 1940, o timbre do seu papel de carta, retirando do canto superior esquerdo o título “Dr.” e a palavra “Médico”, e trazendo para baixo do seu nome o seu endereço pessoal.

Para que não nos esqueçamos de que a autoridade antropológica de Ramos já era reconhecida nos Estados Unidos, antes da sua chegada ao país, e não apenas por Herskovits, como se verá a seguir, temos a carta deste, datada de 16/1/1940, que volta a recorrer à sua expertise:

“Estou curioso para saber o que você acha do trabalho de Miss Landes no Brasil. Tenho mantido uma correspondência ocasional com ela e tenho ficado um pouco curioso sobre o seu trabalho, qualquer opinião que você puder me dar manterei confidencial, mas me ajudaria muito saber as suas reações”.

Na verdade, Ramos tinha sido formalmente contratado pela Cornegie Cooperation para dar um parecer sobre “The Ethos of the Negro in the New World”, texto escrito por Ruth Landes para a pesquisa que a Cornegie realizava, nos Estados Unidos, sob a coordenação de Gunnar Myrdal. A própria Landes se encarregara de comunicar isto a Ramos, em dezembro de 1939, e avisá-lo de que o mesmo texto seria enviado a Herskovits, Ruth Benedict, Margareth Mead, Klineberg e Linton (ver carta de Landes a Ramos, transcrita por Barros [2002: 203] ). Em 14 de março de 1940, ao responder a Herskovits, Ramos manda-lhe cópia do seu parecer, muito depreciativo do trabalho de Landes, e coincidente com a opinião do antropólogo culturalista<sup>15</sup>.

Em carta seguinte, repetindo o que se tornara habitual na correspondência entre ambos, Ramos faz um novo pedido: “Antecipadamente lhe agradeço quaisquer arranjos ou facilidades para uma estadia de três meses de estudos em sua Universidade. Obtive da Guggenheim Foundation apenas 25% da quantia destinada aos fellowships para estudiosos do Brasil, em vista do estipêndio que vou receber da Louisiana State University. “(1/8/1940)

Em carta de 8 de setembro de 1940, Herskovits expõe seus planos ao amigo: deseja convidá-lo para dirigir um seminário, no segundo semestre, sobre raças e povos do Brasil, para o que está pedindo a modesta soma de \$500.00; convite que Ramos aceita de bom grado em carta de 17 de setembro, escrita já em New Orleans. Os prazos administrativos, entretanto,

---

<sup>15</sup> Tanto as cartas trocadas entre ambos, quanto o parecer de Ramos, encontram-se traduzidos e publicados por Luitgardes Barros (2002) e comentados por esta e por Corrêa (2003), o que me desobriga de maiores comentários.

impedem Herskovits de conseguir levantar tal soma junto à Northwestern, o que o obriga a procurar outros financiadores: o Institute of International Education, que nega (troca de cartas entre Herskovits e Stephen Duggan) e a Guggenheim, que aquiesce.

Ansioso para conhecer o seu missivista brasileiro e apresentá-lo aos colegas, o mestre de Evanston convida-o também a participar do encontro anual da *American Anthropological Association*, a realizar-se na Philadelphia, durante o recesso natalino de 1940. Ramos, entretanto, queixa-se “do alto custo de vida do Norte” e condiciona sua ida a alguma verba complementar<sup>16</sup>. Em 17 de outubro, Herskovits faz outra incursão junto a Guggenheim a favor de Ramos, visando obter tal complemento. Desta vez, entretanto, os esforços de Herskovits serão frustrados e Arthur Ramos perderá a oportunidade de encontrar-se com a nata dos antropólogos norte-americanos. Henry Allen Moe, secretário da Guggenheim, escreve a Herskovits em 22 de outubro de 1940:

“Em resposta a sua carta de 17 de outubro sobre o Dr. Ramos, quero lhe transmitir uma informação confidencial. Quando examinei a sua situação financeira na primavera passada, descobri que ele iria receber US\$ 4,000.00 da L.S.U. por suas aulas, o que é um pagamento alto para professores neste país, segundo qualquer padrão, tendo em vista o brevidade do tempo que ele dedicaria. Pareceu-me claro que com o estipêndio da L.S.U. ele não necessitaria de ajuda financeira suplementar para passar um par de meses extras com você. No entanto, levando em consideração sua capacidade, o Comitê de seleção me autorizou a conceder um pequeno estipêndio se ele fizesse um pedido bem fundamentado. Em correspondência subsequente com Dr. Ramos me parece que ele precisava de dinheiro para suas passagens oceânicas e, por isso, concedi US\$ 500.00 adicionais, que correspondia ao limite que eu estava autorizado a conceder. Se você acha que pode fundamentar um pedido de mais de US\$ 4,500.00, eu gostaria de ouvir tal justificativa. E tentaria também conseguir algo.”

Aparentemente, o Sr. Moe conseguiu convencer Herskovits de que o salário de Dr. Ramos em Louisiana era suficiente. Alguns anos atrás, mais precisamente em 1937, o mesmo Herskovits havia oferecido a Alfred Métraux o salário de US\$ 2,700.00 para assumir um curso semestral na Northwestern e este tinha considerado a quantia bastante razoável (carta de Herskovits a Métraux, 8/12/1937). Seu comentário a Moe foi curto: “Ao que parece, ou Ramos tem bem estabelecido em sua mente o estereótipo do Tio Sam milionário ou está muito assustado com o custo de vida deste país – mesmo em Luisiana – comparado ao que

---

<sup>16</sup> “Quanto à reunião da *Anthropological Association*, em Philadelphia, durante as férias de Natal, seria realmente muito interessante se pudesse conseguir qualquer auxílio para as despesas de viagem, tendo em vista a grande distância daqui lá. Só nestas condições, eu poderia ter a oportunidade de fazer, que seria impossível de outro modo, em vista do alto custo de vida no Norte.” (Carta de Ramos a Herskovits, 12 de outubro de 1940)

está habituado no Rio” (carta de Herskovits a Moe, 25/10/40) .

### **Agenciando Dr. Ramos**

O mestre da Northwestern parece ter preferido acreditar na segunda possibilidade, ainda que não conhecesse pessoalmente Arthur Ramos ou seus hábitos de consumo, e não só manteve a amizade como se afeiçoou ainda mais a ele durante a sua estadia em Evanston. O que mais uma vez indica a importância que tinha Ramos para a estratégia de legitimação de Herskovits, no mundo acadêmico americano, diante da sua polêmica posição a respeito do “mito do passado negro”, que se expressará logo em seguida.

Durante os breves meses de fevereiro e março, Herskovits escreverá 31 cartas a amigos e colegas, para garantir que o seu parceiro brasileiro conheça algumas das melhores Departamentos de Antropologia de universidades da costa leste, tais como a University of Pennsylvania, a Columbia University; Yale University e a Howard University. Escreve ademais para o American Museum of Natural History, em New York; o Museum da University of Pennsylvania, e o Institute of International Education, em New York, envidando seus esforços para que Ramos se encontre com os grandes nomes da antropologia americana.

O *tour* de Arthur Ramos começa por Nova York, onde Ralph Linton, da Columbia University, agenda-lhe uma conferência no dia 19 de abril de 1941. A bem da verdade, Herskovits havia pedido a Linton também para tentar uma outra palestra, junto à Ethnological Society, através de Cora DuBois, o que ajudaria Ramos a “encher os bolsos” (“fill the coffers”), mas não foi possível. Pedira também hospedagem na *International House*, o que também não deu certo.

Na Philadelphia, onde Arthur Ramos visitou o University Museum (ver quadro 1), também não foi possível agendar nenhuma conferência. D.S. Davidson, o chefe do Departamento de Antropologia, para quem Herskovits escreveu, ofereceu-lhe a chance de falar para dois diferentes grupos por \$50.00, sendo ambas as platéias de não-especialistas; enquanto o Museu, por intermédio de Alden Mason, ofereceria \$ 15.00 se não tivesse com sua agenda fechada. Herskovits prefere “deixar cair” o assunto. A Yale University, ao contrário, recebe Dr. Ramos para uma conferência e uma mesa-redonda, em 22 e 23 de abril, mas as cartas que temos não informam o valor do estipêndio.

Em Washington, Herskovits contactou Abram L. Harris e Chas Thompson, da

Howard University, e Carter Woodson, do *The Journal of Negro History*. Todos receberam a proposta efusivamente, principalmente Thompson que já havia convidado Ramos a escrever um artigo para um *Yearbook on Racial Minorities in the Present International Crisis* e para participar de uma conferência a ser realizada em maio. Thompson, aliás, confessa a Herskovits, em carta de 17 de março, já ter sido contatado antes por Dr. Hank, da Fundação Hispano-americana da Library of Congress, e por Richard Pattee, do Departamento de Estado dos Estados Unidos, com a mesma finalidade: receber Ramos em Washington<sup>17</sup>. O único empecilho encontrado foi contornado com a troca do itinerário inicialmente previsto; ao invés de começar por Washington, no dia 17 de abril, Arthur deveria passar por Nova York primeiro e só depois, no 22 e 23 de abril, visitar a capital norte-americana, devido às férias coletivas do *Journal*.

De um modo geral, as cartas de Herskovits seguem um mesmo padrão, segundo o qual o mestre da Northwestern propõe conferências para Ramos contra o pagamento simbólico de US\$ 50.00 por palestra, “para fazer face às despesas de locomoção”. O trecho da carta abaixo, dirigida a Abram Harris, da Howard University, em 24 de fevereiro de 1941, é muito típico:

“Ele [Ramos] e sua esposa estão aqui por um par de meses, ansiosos pela oportunidade de rumar para o Leste, mas desde que é necessário que suas despesas sejam ressarcidas por pró-labores desse tipo, estou tentando agendar um número de palestras para ele”.

Seus esforços são tão agressivos que criaram pelo menos um mal-entendido, pelo que revela uma carta recebida da *Time Incorporated*, em que esta se prontifica a agenciar Ramos nas cidades por onde ele passe:

“Gostei de receber a informação que o senhor me enviou junto com sua carta de 8 de março sobre o Dr. Ramos. Certamente nos lembraremos dele se nos for pedido para ajudar a arrumar sua agenda em cidades ao longo de seu itinerário de viagem.”  
(19/3/1941)

Herskovits viu-se obrigado a corrigir:

“Sinto não ser um escritório de agendamento de palestras, lidando com conferencistas sul-americanos. Dr. Ramos é um visitante da Universidade, e apenas ofereci...”  
(21/03/1941, carta de Herskovits a Pratt, Time Inc).

<sup>17</sup> Stocking Jr. (2002: 51) nos ensina que nos anos 1940, pouco depois da passagem de Arthur Ramos por Washington, portanto, “Julian Steward organizou o Instituto de Antropologia Social do Smithsonian Institution para capitalizar e (adensar) a política de “boa vizinhança” do Departamento de Estado, enviando antropólogos para ensinar e organizar pesquisas em países da América latina”.



Mas, além do Leste, Arthur Ramos aproveitou a sua estadia nos Estados Unidos, para outros contatos profissionais importantes no Meio-Oeste. O primeiro desses contatos foi com Stuart Chapin, do Departamento de Sociologia da University of Minnesota, feito com a intermediação primeira de Lynn Smith. A resposta de Herskovits a Stuart Chapin, de 27 de janeiro de 1941, nos ensina o que estava sendo reservado para ele na Northwestern, em substituição ao seminário que, segundo os planos primeiros de Herskovits, ele deveria dirigir:

“... ainda que ele [Ramos] não tenha vindo ensinar, mas, ao contrário, para estudar os métodos e descobertas do nosso programa de pesquisa sobre o Negro, ele acompanhará alguns seminários e classes que, imagino, o prenderão aqui durante a maior parte da semana.” (carta de Herskovits a Chapin, de 27/01/1941, tradução minha)

Chapin quer tê-lo em dois eventos: uma mesa-redonda sobre “Influências americanas e européias na política sul-americana” e uma conferência pública sobre “Raças e culturas do Brasil”, pelo que oferece um pró-labore de \$ 50.00. Herskovits é enfático em defender os interesses do amigo: Ramos deveria fazer apenas uma intervenção pelo preço de 50 dólares, e argumenta: “Nós o convidamos para falar aqui durante a Semana Interracial e eu insisti num pró-labore de \$50 e veja que não havia despesas de transporte.” Bom negociante, Chapin fecha as duas intervenções por 75 dólares, enquanto Herskovits aproveita para apresentar o brasileiro ao chefe do Departamento de Antropologia, David Mandelbaum, e ao Reitor, Malcon Willey.

O empenho de Herskovits em ajudar Arthur Ramos a sobreviver nos Estados Unidos nos indica ainda outra coisa: se a distância acadêmica, seja no plano institucional, seja no plano de conhecimentos adquiridos, entre o Brasil e os Estados Unidos era grande, o discípulo de Nina Rodrigues sabia, seja pela sua origem de classe, seja pela sua posição político-intelectual no Brasil, negociar a sua inserção no meio acadêmico americano em patamares de respeito e igualdade.

Em Chicago, Arthur Ramos assistirá ainda ao congresso da *American Association of Physical Anthropologists*, no 7 e 8 de abril. Herskovits o apresentará também a *American Anthropological Association*, da qual se tornará membro; além de introduzi-lo a um importante comerciante de gravadores, da *Sound Specialities Company*, de Connecticut, já que Ramos, ao que parece, ficara bastante impressionado com as técnicas utilizadas no campo por Herskovits.

Todavia, a intervenção mais importante de Ramos, nos Estados Unidos, se dará no

interior de Illinois. Vejamos.

### **Arthur Ramos e a democracia**

A estadia de Arthur Ramos fez mais do que torná-lo o mais importante antropólogo brasileiro; transformou-o num dos líderes internacionais da luta anti-racista e pró-democrática, cuja coalizão se formava a partir dos Estados Unidos.

Recapitulemos a estratégia intelectual de Arthur Ramos. Quando este chega aos Estados Unidos, já tem publicado em inglês *Negro in Brazil*, tradução abreviada do *Negro Brasileiro*, feita por Richard Pattee em 1939. Lá deixará ainda os originais de quatro artigos, a serem publicados em 1941<sup>18</sup>. Estes são artigos de “divulgação”, como Ramos gostava de chamar.

Ao contrário da geração de seus mestres, que buscavam no exterior, em breves estágios em laboratórios famosos, a legitimação e o “reconhecimento” internacionais<sup>19</sup>, que deveriam ser usados em seus concursos de cátedra, Arthur Ramos chegou aos Estados Unidos como um especialista, um africanista brasileiro. A sua estadia em Evanston, no seminário sobre aculturação, dirigido por Herskovits, teve, na prática a função de introduzi-lo nas técnicas da moderna Antropologia Cultural, enquanto o curso ministrado na Louisiana e as suas conferências e palestras no exterior que serviram aos fins de legitimação e fama.

Do mesmo modo, o que ele aprendeu com Herskovits não servirá para, no Brasil, engrossar o número de seus discípulos. Herskovits, em pessoa, como vimos, recrutará e formará os seus alunos no Brasil, o primeiro deles Octávio Eduardo, que dirá, no obituário que escreveu em 1950 (Fernandes, Eduardo, Baldus 1950:448), sobre *As Culturas Negras no Novo Mundo*, de 1937, primeiro trabalho em que Ramos se aproxima da moderna Antropologia Cultural:

“Provavelmente inspirado num trabalho do antropólogo norte-americano Melville J. Herskovits, “Social History of the Negro”, ao qual muito se assemelha na orientação e apresentação, e não sendo assim, quanto à concepção, obra original, o novo livro de Arthur Ramos dá-lhe, por outros motivos, merecido credito.”

Será, ao contrário, a inserção política e institucional de Arthur Ramos que garantirá o seu renome, pelo menos até a sua morte. No Brasil, depois de seu retorno, o catedrático da

<sup>18</sup> Ver Ramos (1945) pp. 35 e 36.

<sup>19</sup> Ver Corrêa (1998: 216-266) sobre essa estratégia de legitimação dos catedráticos das faculdades de Medicina, especialmente de Afrânio Peixoto.

Universidade do Brasil publicará, até o final da guerra, uma série de artigos políticos, que engajam a Antropologia na luta contra o racismo e na reconstrução democrática do pós-guerra<sup>20</sup>. Será essa militância que levará, posteriormente, Ramos à direção do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO.

Tal militância, nos Estados Unidos, começa com a Onwentsia Conference, em abril de 1941, quando Dr. Ramos é convidado por uma organização chamada *World Citizens Association* para participar de uma reunião de expertos em relações internacionais, em Lake Forest, Illinois, não muito distante de Evanston. Suas intervenções nessa conferência, estão publicadas em inglês (*World Citizens Association 1941*) e em português (Ramos 1943).

Inspirando-se fartamente nas idéias que Gilberto Freyre (1938) expressara nas suas conferências da Europa (em Lisboa e Londres) sobre a “democracia social” brasileira e a matriz cultural lusitana, transformando a mestiçagem em um mecanismo de integração e mobilidade social dos povos colonizados, Dr. Ramos passará a ser o principal intelectual brasileiro a divulgar o Brasil como uma “democracia racial” e um “laboratório de civilização”<sup>21</sup>.

Como Freyre já fizera em suas conferências (Freyre 1940), Ramos (1943: 142) salienta a formação da cultura e da personalidade brasileiras, em detrimento das formas políticas, para definir a “democracia”:

“Assim, na questão do ambiente, é preferível acentuar a influência de várias culturas e meios ambientes em termos de personalidade do que em termos de ambiente político ...”

Do mesmo modo, remonta, como o seu rival pernambucano, tal cultura aos colonizadores portugueses:

“... Desejo acentuar o tratamento das raças no Brasil como um dos mais interessantes exemplos de continuação do velho sistema colonizador dos portugueses, que se misturaram com os povos com quem entraram em contacto, no plano físico como no plano cultural.”

<sup>20</sup> Ver Ramos (1945), pp. 36 e 37.

<sup>21</sup> Ver Campos (2002) sobre a “democracia racial” em Ramos. Considerar o Brasil um “laboratório” privilegiado para os estudos de africanismos ou de relações raciais é idéia expressa em 1935 por Gilberto Freyre em carta a Herskovits, de 11 de dezembro. “Both of us [Freyre e Dr. Kehr, um amigo comum que morava no Rio de Janeiro] think that your next trip ought to be Brazil – a splendid laboratory for your work.” (Box 7, Folder 40). A idéia do Novo Mundo como laboratório de estudos de africanismos é expressa por Herskovits já em 1930, como observa justamente Frances Herskovits (1966). Mas a expressão foi usada em relação ao Brasil, pela primeira vez, por Rüdiger Bilden, em 1929, em artigo justamente famoso, intitulado: *Brazil, Laboratory of Civilization*. Ver Maio (1997) e Pallares-Burke (2005).

E também retoma o mote da “democracia” para divulgar a cultura brasileira, no que pese estarmos, naquele momento, sob o jugo de uma ditadura simpatizante do fascismo:

“Tomei parte na discussão, declarando que não sabíamos o que era realmente um ambiente democrático, porque ao falarmos de democracia temos que separar vários conceitos, como, por exemplo, democracia política, democracia social, democracia racial, democracia religiosa, etc. Pedi a Lewin para definir para mim o seu conceito de democracia, por não saber o que realmente era.”

Mais as semelhanças não terminam aí. Assim como Freyre, Arthur Ramos pretende transformar a miscigenação cultural e biológica, que caracterizaria o Brasil, em marco fundador do mundo pós-racista que se avizinha:

“... Temos hoje, não somente uma cultura européia, não apenas uma cultura africana, mas todas elas em uma nova combinação, que é, penso eu, uma nova cultura do Novo Mundo. Não temos que acentuar ou tentar impor a cultura européia no mundo, mas verificar quais são as novas combinações de cultura de várias fontes, que se encontram no mundo.” (Ramos 1943:142,143).

Arthur Ramos compartilhava as idéias de Freyre sobre a democracia brasileira e, assim como este, tinha contatos estreitos com os líderes negros no Rio e em São Paulo, sendo grande o seu prestígio no meio negro. Em setembro de 1936, por exemplo, foi convidado por Francisco Lucrécio para proferir conferência comemorativa do quinto aniversário da Frente Negra Brasileira. Sabemos pela carta em que responde negativamente ao convite, que já havia visitado a sede da FNB em São Paulo, no ano anterior<sup>22</sup>. De fato, seu pensamento influenciou muitos militantes até os 1950, quando uma nova geração de intelectuais negros, liderada por Guerreiro Ramos (1957), romperá com as idéias do mestre, assim como, nas ciências sociais, uma outra se encarregará de sepultar os estudos culturalistas (Corrêa 1998).

A expressão “democracia racial” usada por Ramos, sinônima da “democracia étnica” de Freyre, sobreviverá, entretanto, como reivindicação negra até pelo menos 1964, e, até mesmo na grande reviravolta política de 1968, Abdias do Nascimento (1968: 43) ainda se lembrará do cientista alagoano com admiração:

“Ainda nesta mesma sessão de encerramento [da Conferência Nacional do Negro, em 1949], pronunciaria talvez, uma de suas últimas palestras públicas, o Professor Arthur

<sup>22</sup> “Prezado confrade, Como já tive ocasião de vos declarar verbalmente, quando da minha visita á sede da Frente Negra Brasileira, seria para mim motivo de grande satisfação a oportunidade de vos manifestar de publico o quanto significa, para mim, o movimento que vindes realizando.” Carta de Ramos a Lucrécio, 29/8/1936, AAR I-35,16,239.

Ramos, antes de seguir para assumir em Paris o cargo de Diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, onde faleceu. Foi uma aula notável o seu discurso de encerramento.”

Tal demonstração de reconhecimento público, certamente, não se deve a uma adesão integral de Ramos ao ideário das organizações políticas negras, como parece sugerir um outro trecho de Abdias, este publicado no *Quilombo* (Nascimento 1950:1)

“Há muito tempo Arthur Ramos, o mestre cujo recente desaparecimento abriu um desses claros impreenchíveis em nossa cultura, já falava da responsabilidade que cabia aos líderes negros na adoção de medidas que objetivassem a melhoria das condições de vida da população de cor. O negro passaria da condição de matéria-prima de estudiosos para a de modelador da sua própria conduta, do seu próprio destino.”

Ao contrário, Ramos parece ter sido tão crítico quanto Freyre<sup>23</sup>, e ter-se sentido tão incomodado quanto este, com a “negritude” que se esboçava no Teatro Experimental do Negro, flertando, mas não totalmente imerso nos ideais raciais e culturais do modernismo brasileiro. Talvez, quem sabe, as palavras de Abdias revelem mais um traço da personalidade de Arthur Ramos: a simpatia no trato pessoal, que tanto impressionou Herskovits durante a breve convivência de ambos em Evanston. Mas, talvez, revelem também o quanto para Arthur Ramos foi importante, na última fase de sua vida, o contato com a militância política negra.

### **Depois do retorno de Herskovits**

Stocking Jr. (2002) nos mostra como toda a antropologia americana, não apenas os boasianos, volta-se para o esforço de guerra em 1941. Herskovits, como vimos, limita sua colaboração ao esforço de guerra à participação em comitês assessores, recusando qualquer prática científica que se deixe contaminar por “engenharias sociais”, como desconfia de políticas anti-racistas “imediatistas”, tendendo a isolar-se politicamente (Jackson 1986). Mesmo porque o seu culturalismo, ao ressaltar as raízes africanas da cultura negra no novo mundo, deixa de ser politicamente atraente para as lideranças negras americanas, mais preocupadas em lutar pela integração social. Finda a guerra, Herskovits volta-se principalmente para a pesquisa etnográfica na África. O contrário se passa com Ramos que,

---

<sup>23</sup> “Atualmente, alguns grupos de negros no Rio e em São Paulo procuram organizar-se em associações específicas a favor de seus direitos econômicos e sociais, na mesma linha dos grupos negros dos Estados Unidos. Há um certo artificialismo nestes empreendimentos – embora as causas econômicas de competição estejam presentes em São Paulo – e eles estão de certa forma criando e precipitando uma barreira de cor (‘color line’)” (Ramos [1951] In: Smith and Marchant 1972: 146 apud Corrêa 1998:286 [tradução de Corrêa]).

em seu retorno ao Brasil, passa a advogar e praticar, cada vez mais, uma antropologia aplicada.

Talvez resida justamente aí, a causa do possível “esfriamento” da sua relação com Herskovits, vez que Dr. Ramos já não é mais, de fato, um pesquisador, ou pelo menos, deixa de controlar fontes de informações etnográficas valiosas, com fizera antes da guerra. Enquanto o primeiro recusa a trilha da “antropologia aplicada” (Herskovits 1936) de outros discípulos de Boas, como Benedict e Mead (Stocking Jr. 2002; Jackson 1986), o último imiscuir-se-á cada vez mais em assuntos puramente políticos. Sintomático do “esfriamento” de Ramos em relação a Herskovits não é apenas o longo intervalo sem correspondência entre agosto de 1945 e dezembro de 1947, mas o fato de que, em seu esforço para incluir a antropologia brasileira no mundo democrático do pós-guerra, Arthur Ramos contará, em 1949, com o auxílio de um crítico feroz da posição “culturalista” de Herskovits, Franz Frazier, que o ajudará na definição da política a ser adotada pelo Departamento de Ciências Sociais da UNESCO com respeito ao racismo (Maio 1997).

Por um lado, os interesses de Ramos já não se concentram na pesquisa de campo, mas na política acadêmica, principalmente na institucionalização da Antropologia enquanto disciplina universitária, e na agenda mundial de reconstrução anti-racista, que se chamava à época de “antropologia aplicada” (Stocking Jr. 2002; Corrêa 1998; Barros 2000). Isso certamente diminuiria o ímpeto de um Herskovits que sempre foi extremamente centrado na pesquisa.

Herskovits, contudo, apesar de abominar a “antropologia aplicada” esteve sempre perto das agências de fomento, procurando influenciar o financiamento das pesquisas “sobre o negro”, assim como de organismos que patrocinavam estudos para “aplicação”, como a Carnegie Corporation e a Unesco (Yelvington 2004). Aliás, é justamente depois da nomeação de Ramos para a Direção do Departamento de Ciências Sociais da Unesco que a correspondência entre ambos volta a se avolumar.

Mas, para a diminuição da correspondência entre eles podem ter pesado pelo menos dois outros fatores. Primeiro, Herskovits, depois da guerra, concentra as suas energias nos estudos sobre a África ocidental, que culmina com o estabelecimento, em 1948, do Programa de African Studies, na Northwestern University; segundo, o fato de Ramos já se encontrar afastado da Bahia desde 1934 e de Herskovits ter tecido, durante seu trabalho de

campo, relações mais próximas com outros intelectuais brasileiros, com os quais, aliás, continuará a se corresponder: José Valladares, com quem Herskovits estabelece uma intensa correspondência a partir de 1943<sup>24</sup>, e Thales de Azevedo<sup>25</sup>, na Bahia<sup>26</sup>; René Ribeiro, em Pernambuco; Roger Bastide, em São Paulo. Serão também de São Paulo e Recife que virão os jovens antropólogos que Herskovits formará: Octávio Eduardo, que procura Herskovits em abril de 1941, antes, portanto, da viagem deste ao Brasil, mas que começa seu doutorado apenas em 1943, e faz seu trabalho de campo no Maranhão (doutorado em 1944), René Ribeiro (mestrado em 1949) e Ruy Coelho (trabalho de campo entre 1947 e 1948 em Honduras e doutorado em 1955).

Um bom sintoma da distância física e intelectual de Ramos com o “campo afro-baiano” e com a antropologia que já começa a ser feita por Bastide, Eduardo e outros, é o trecho de uma carta de Bastide a Herskovits, quando o primeiro, provavelmente confundindo Thales com outro professor baiano, Nelson de Souza Sampaio, que chegara para estudar na Northwestern, em 1946, diz:

« J'ai appris également que parmi vos étudiants se trouvait un autre de nos amis brésiliens, Thales de Azevedo – et comme il vit dans un des centres les plus importants pour l'étude des Afro-Américains, je suis enchanté de le voir travailler avec vous et lancer, je pense, les bases de futures études au Brésil » (Bastide a Herskovits, 15/2/1946, HP Box 37, folder 13)

Sabemos que o estudante não era Thales, então um médico de 42 anos, há 3 anos ensinando Antropologia na Universidade da Bahia, mas, provavelmente, Nelson Sampaio, advogado que ensinava Sociologia na mesma universidade e que faria seus estudos em Ciência Política e não Antropologia, mas que levava a Herskovits uma carta de apresentação

<sup>24</sup> José Valladares, que dirigia o Museu do Estado da Bahia, fará mestrado em museologia em Nova York, a partir de 1942.

<sup>25</sup> Segundo carta de Bastide a Herskovits, datada de 15/2/1946, Thales de Azevedo estava em Evanston, estudando com Herskovits em fevereiro de 1946, informação que não é correta. Provavelmente, Bastide confundiu Thales com outro baiano, Nelson de Souza Sampaio, que foi estudar ciência política na Northwestern e que levou uma carta de apresentação a Herskovits, escrita por José Valladares. Comentarei a desinformação de Bastide mais adiante.

<sup>26</sup> Luitgarde Barros (2000: 82) não menciona José Valladares entre os que receberam cartas de apresentação escritas por Ramos para Herskovits: “Com igual préstimo [Ramos] apresenta Herskovits a Estácio de Lima e Gonçalves Fernandes, pedindo-lhes atenção para o antropólogo”. Igual indicador da familiaridade que Herskovits adquire com a Bahia é que, anos depois, quando Octávio Eduardo passa por Salvador, vindo do seu campo em São Luis, Herskovits recomendará que ele procure Thales e, para ir aos candomblés, busque por um motorista chamado Raymundo, que o ajudou bastante em seu trabalho de campo de 1941-1942. Raymundo é largamente citado nas notas de campo de Herskovits, ver os Melville and Frances Herskovits Papers, Box 20, Field Notes, no Schomburg Center for Research and Black Culture, New York.

de José Valladares. É, contudo, sintomático que Bastide tome Thales por um possível estudante de Antropologia de Herskovits (o que reflete apenas o subdesenvolvimento do campo africanista no Brasil) e se entusiasme com a perspectiva de que o conhecimento que ele adquira em Evanston venha a mudar o futuro dos estudos afro-brasileiros na Bahia! Na verdade, como vimos, apenas a geração seguinte a de Thales, nos anos 1960, fará o conhecimento da África enquanto campo.

Em conclusão, poderíamos dizer, que até 1949, data em que Ramos assume o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, o interesse maior de Herskovits em Ramos advinha da posição central deste no campo dos estudos africanistas no Brasil, posição esta que, a partir de 1942, foi diminuída não apenas pelo trabalho de campo do próprio Herskovits, mas pelos estudos de novos cientistas sociais, com formação antropológica mais sistemática, como Roger Bastide, Eduardo Octávio e René Ribeiro. Pelo contrário, o interesse de Ramos por Herskovits não parece ter cessado mesmo depois que ele, Ramos, passa a se dedicar cada vez mais na institucionalização da Antropologia no Brasil e a engajar a nova ciência na luta contra o racismo e pela “democracia racial”. Talvez porque Ramos, ao que parece, lutou nos dois campos, pela institucionalização da Antropologia e contra o racismo, com a mesma arma intelectual aprendida em Evanston: o culturalismo. O seu engajamento político, portanto, nunca significou um rompimento intelectual com Herskovits, nem uma tomada de posição contra este no debate norte-americano. Ao contrário, parece que Ramos se aproximava ecleticamente de ambos os lados desse debate: a democracia racial era, para ele, uma transcrição dos ideais integracionistas de Frazier, posto que o *ethos* luso-brasileiro de relações raciais significa justamente isso; no entanto, contrário ao que se passava nos Estados Unidos, considerava que tal integração já tinha sido alcançada pela cultura negra no Brasil.



## Referências bibliográficas

- Barros, Luitgardes. 2000. *Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo*, Maceió, Ed. Universidade Federal de Alagoas.
- Bilden, Rudingen. 1929. “Brazil, Laboratory of Civilization”, New York, *The Nation*.
- Campos, Maria José. 2002. *Arthur Ramos: Luz e Sombra na Antropologia Brasileira. Uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930 e 1940*. Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, São Paulo, FFLCC-USP.
- Coelho, Ruy. 1955. *The black Carib of Honduras, a study in acculturation*. Ph.D. - Northwestern University.
- Corrêa, Mariza. 1998. *As Ilusões da Liberdade*, Bragança Paulista, EDUSF.
- Corrêa, Mariza. 2003. *Antropólogas e Antropologia*, Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- Eduardo, Octavio da Costa. 1948. *The Negro in northern Brazil, a study in acculturation*. New York, J. J. Augustin, Monographs of the American Ethnological Society, 15.
- Faillace, Vera L. M. (org.). 2004. *Arquivo Arthur Ramos. Inventário Analítico*. Rio de Janeiro, Edições Biblioteca Nacional.
- Fernandes, Florestan; Eduardo, Octavio; Baldus, Herbert. 1950. “Arthur Ramos 1903-1949”, *Revista do Museu Paulista*, N.S., vol. IV, pp. 439-459.
- Freyre, Gilberto, 1938. *Conferências na Europa*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde.
- Freyre, Gilberto. 1940. *O mundo que o Português criou*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.
- Gershenhorn, Jerry. 2004. Melville J. Herskovits and the Racial Politics of Knowledge, University of Nebraska Press, Lincoln and London.
- Herskovits, Frances. 1966. “Introduction” In: *The New World Negro. Selected Papers in AfroAmerican Studies*, Bloomington and London, Indiana University Press.
- Herskovits, Melville. 1930. “The Negro in the New World: The Statement of a Problem”. *American Anthropologist*, XXXI, n. 1, pp. 145-55; republicado In Herskovits, *The New World Negro. Selected Papers in AfroAmerican Studies*, Bloomington and London, Indiana University Press, 1966.
- Herskovits, Melville. 1936. “Applied Anthropology and the American Anthropologist”, *Science*, 83, pp. 215-222.
- Jackson, Walter. 1986. “Melville Herskovits and the search for Afro-American culture” in Stocking Jr., George W. (Editor) *Malinowski, Rivers, Benedict, and others: essays on culture and personality*. Jr. Madison, University of Wisconsin Press, pp. 72-94
- Maior, Marcos Chor. 1997. A História do Projeto Unesco. Estudos Raciais e Ciências Sociais no Brasil, Rio de Janeiro, IUPERJ, tese doutorado .
- Nascimento, Abdias do. 1950. “O 1º. Congresso do Negro Brasileiro”, *Quilombo*, Rio de Janeiro, Ano II, N. 5, p.1. (edição facsimilar, São Paulo, Editora 34, 2003)
- Nascimento, Abdias do. 1968. *O Negro revoltado*, Congresso do Negro Brasileiro (1st: 1950: Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, Ed. GRD.
- Pallares-Burke, Mara Lúcia. 2005. *Gilberto Freyre, um vitoriano nos trópicos*, São Paulo, Editora UNESP.
- Ramos, A. Guerreiro. 1957. *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, Rio de Janeiro, Andes.
- Ramos, Arthur. 1934. *O negro brasileiro: ethnographia religiosa e psychanalyse*, Rio de

- Janeiro, Civilização Brasileira.
- Ramos, Arthur. 1937. *As culturas negras no novo mundo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Ramos, Arthur. 1939. *The Negro in Brazil*, Washington, The Associated Press, Inc.
- Ramos, Arthur. 1943. *Guerra e relações de raça*, Rio de Janeiro, Gráfica Perfecta.
- Ramos, Arthur. 1945. *Curriculum Vitae*. Rio de Janeiro.
- Ramos, Arthur. 1951. "The Negro in Brazil" In: T. Lynn Smith and Alexander Marchant, *Brazil, portrait of half a continent*, New York, Dryden Press, pp.
- Ribeiro, René. 1949. *The AfroBrazilian cult-groups of Recife - a study in social adjustment*. Evanston, Ill., 131 leaves. 28cm. Thesis (M.A.)- Northwestern Univ.
- Simpson, George E. 1973. *Melville J. Herskovits*, New York and London, Columbia University Press.
- Stocking Jr., George W. (Editor). 2002. "Introduction", *American Anthropology, 1921-1945: Papers from the American Anthropologist*, Lincoln and London, University of Nebraska Press.
- Yelvington, Kevin A. 2004. "Melville J. Herskovits and the Institutionalization of Afro-American Studies", Colóquio Internacional: O Projecto UNESCO no Brasil: Uma volta crítica ao Campo 50 anos depois, 12 a 14 de janeiro 2004, Memorial da Escola de Medicina, Salvador, Bahia.
- World Citizens Association. 1941. *The World's Destiny and the United States. A Conference of Experts in International Relations*, WCA, Chicago, Ill.

**Quadro 1 - Melville J. Herskovits (1895-1963) Papers, 1906-1963**  
**Correspondência Ramos Herskovits, Cartas consultadas**

<b>data</b>	<b>missivista</b>	<b>local</b>
31 dezembro, 1935	Herskovits	Evanston
28 fevereiro, 1936	Ramos	Rio
26 março, 1936	Herskovits	Evanston
16 maio, 1936	Ramos	Rio
8 junho, 1936	Herskovits	Evanston
15 agosto, 1936	Ramos	Rio
23 setembro, 1936	Herskovits	Evanston
1 dezembro, 1936	Ramos	Rio
7 janeiro, 1937	Herskovits	Evanston
24 fevereiro, 1937	Ramos	Rio
18 março, 1937	Herskovits	Evanston
10 abril, 1937	Herskovits	Evanston
8 maio, 1937	Herskovits	Evanston
11 maio, 1937	Ramos	Rio
7 junho, 1937	Herskovits	Evanston
17 agosto, 1937	Ramos	Rio
14 novembro, 1937	Herskovits	london
17 março, 1938	Ramos	Rio
5 abril, 1938	Herskovits	Paris
30 maio, 1938	Ramos	Rio
20 junho, 1938	Herskovits	Paris
8 setembro, 1938	Ramos	Rio
12 outubro, 1938	Herskovits	Evanston
20 janeiro, 1939	Ramos	Rio
11 abril, 1939	Herskovits	Evanston
20 junho, 1939	Ramos	Rio
17 outubro, 1939	Herskovits	Evanston
27 novembro, 1939	Ramos	Rio
16 janeiro, 1940	Herskovits	Evanston
14 março, 1940	Ramos	Rio
1 julho, 1940	Herskovits	Evanston
1 agosto, 1940	Ramos	Rio
8 setembro, 1940	Herskovits	Evanston
17 setembro, 1940	Ramos	New Orleans
1 outubro, 1940	Herskovits	Evanston
4 outubro, 1940	Herskovits	Evanston
12 outubro, 1940	Ramos	New Orleans
6 novembro, 1940	Herskovits	Evanston
6 dezembro, 1940	Ramos	New Orleans
6 janeiro, 1941	Herskovits	Evanston
10 janeiro, 1941	Ramos	New Orleans
16 janeiro, 1941	Herskovits	Evanston
7 fevereiro, 1941	Herskovits	Evanston
11 fevereiro, 1941	Ramos	Utah
23 abril, 1941	Ramos	Washington
10 julho, 1941	Ramos	Rio
24 julho, 1941	Herskovits	Evanston

**Quadro 2: Arquivo Arthur Ramos, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro  
Correspondência Ramos Herskovits, cartas consultadas.**

<b>data</b>	<b>catálogo</b>	<b>missivista</b>	<b>local</b>
12 agosto, 1941	I-35,31,1457	Herskovits	Evanston
12 setembro, 1941	I-35,31,1458	Herskovits	Rio
3 janeiro, 1942	I-35,31,1459	Herskovits	Salvador
10 janeiro, 1942	I-35,15,190	Ramos	Rio
21 março, 1942	I-35,31,1460	Herskovits	Salvador
10 maio, 1942	I-35,15,191	Ramos	Rio
15 maio, 1942	I-35,15,192	Ramos	Rio
30 setembro, 1942	I-35,31,1461	Herskovits	Evanston
1 junho, 1943	I-35,31,1462	Herskovits	Evanston
15 junho, 1943	I-35,31,1463	Herskovits	Evanston
30 junho, 1943	I-35,15,193	Ramos	Rio
21 dezembro, 1943	I-35,15,194	Ramos	Rio
19 janeiro, 1944	I-35,31,1464	Herskovits	Evanston
19 maio, 1944	I-35,31,1465	Herskovits	Evanston
16 setembro, 1944	I-35,31,1466	Herskovits	Evanston
24 março, 1945	I-35,31,1467	Herskovits	Evanston
7 agosto, 1945	I-35,31,1468	Herskovits	Evanston
5 dezembro, 1947	I-35,15,195	Ramos	Rio
19 abril, 1948	I-35,15,196	Ramos	Rio
7 julho, 1948	I-35,31,1469	Herskovits	Evanston
28 abril, 1949	I-35,31,1470	Herskovits	Evanston
12 maio, 1949	I-35,31,1471	Herskovits	Evanston
3 maio, 1949	I-35,15,197	Ramos	Rio
20 agosto, 1949	I-35,31,1472	Herskovits	Evanston